

O ANTIGO E O NOVO: O CUIDADO EM SAÚDE NO COTIDIANO DE UMA CULTURA ITALIANA

Maria de Lourdes Denardin Budó¹

RESUMO: Por meio da abordagem qualitativa, buscou-se descrever algumas formas e práticas de vida relacionadas com o cuidado em saúde adotado numa comunidade rural de Silveira Martins – RS, constituída, em sua maioria, por descendentes de imigrantes italianos. Para fundamentar a pesquisa utilizaram-se, entre outras, as referências de Leiniger e Kleinman, que adotam a perspectiva antropológica para estudo de culturas. Com a finalidade de conhecer as formas de cuidar nas famílias, foi adotado o método de observação-participante-reflexão (OPR) de Leininger. Durante a realização do trabalho percebeu-se a manifestação constante de uma temática: a coexistência do antigo e do novo nos diferentes setores do cotidiano dos indivíduos estudados, nas suas formas de viver e cuidar da saúde.

DESCRIPTORIOS: Cuidados de saúde; População rural; Migração internacional.

THE FORMER AND NEW: EVERY HEALTH CARE OF AN ITALIAN CULTURE

ABSTRACT: A qualitative approach was utilized in order to describe health care practices in everyday life of people living in a rural community of Silveira Martins-RS. Those people were, in its majority, descendents of italian immigrants. Leininger and Kleinman's anthropological views to study cultures were utilized as framework of this research. Leininger's method of Observation-Participation-Reflection (O-P-R) was used with the purpose of understanding families ways of caring. During the development of the study a theme appeared constantly in the different sectors of the everyday life of the individuals studied: the coexistence of both the former and the new in their ways of living and caring for their health.

DESCRIPTORS: Health Care; Rural population; Emigration and migration.

¹ Enfermeira. Professora Adjunta IV da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS. Professora das Faculdades Franciscanas. Mestre em Extensão Rural pela UFMS.

Autor correspondente:
Maria de Lourdes Denardin Budó
Rua Appel, 800 ap. 208 – 97015-030 – Santa Maria-RS

INTRODUÇÃO

Alguns setores da Enfermagem têm apontado para alternativas de assistência coerentes com a vida das pessoas, num enfoque cultural do cuidado, buscando conhecer como este se processa junto às famílias, numa tentativa de aproximação entre a prática profissional e a vivenciada pelas pessoas no seu dia-a-dia.

Desta forma, encontra-se, na abordagem cultural, uma maneira de ver como se dá o cuidado em saúde e com isto estabelecer a interrelação entre saúde e cultura na ótica das pessoas. Neste sentido, saúde passa a ter um enfoque que envolve, além de aspectos decorrentes das formas de organização social da produção, uma concepção do indivíduo em sua organização da vida cotidiana, abordando suas diferentes e singulares necessidades humanas (Vaitsman, 1992).

Para ter esta possibilidade de abordagem, a compreensão cultural fornece-nos um caminho nas atividades educativas e no envolvimento com as pessoas, pois há estreita relação entre crenças, valores, costumes, que são desenvolvidos no cotidiano, e a forma como as pessoas se expressam nas situações de saúde e doença (Monticelli, 1992).

A associação de conceitos de saúde e de cultura tem sido um dos enfoques propostos e praticados por profissionais da saúde ou de áreas correlatas, entre eles Kleinman e Leininger, cujos referenciais embasaram o presente trabalho. O pensamento, decisões e ações dos indivíduos de um determinado grupo, derivam-se de valores daquela cultura, sendo forças diretivas que os orientam. Dentro desta perspectiva, existem, nas sociedades, sistemas de cuidados em saúde que se interpenetram, cujos cuidadores, leigos ou profissionais, desenvolvem uma abordagem fortemente influenciada por fatores culturais. Kleinman (1980) denominou a essa totalidade de interrelacionamentos nas sociedades de Sistema de Cuidado em Saúde. Para ele o Sistema de Cuidado em Saúde é composto por três partes interrelacionadas: o setor popular, o profissional e o "folk" ou tradicional. Para este autor, o setor popular, embora seja a parte mais abrangente em alguns sistemas, é o menos estudado e mais pobremente entendido.

A cultura é fundamentalmente orientadora das práticas vivenciadas em todos os setores da vida humana. Mas, como diz Patrício (1993), referindo-se ao cuidado na profissão do enfermeiro, o tempo passa, a cultura se modifica, o social se torna mais complexo, a natureza muda, mas algo permanece no ser humano, e que, assim, o qualifica, sendo que este algo é a sua essência. Nas sociedades ou comunidades essas mudanças ocorrem de modo muito sutil e os novos saberes, costumes, modos de vida vão passando através dos diferentes meios de comunicação, causando transformações importantes naquele universo cultural.

O presente estudo se desenvolve numa comunidade do Rio Grande do Sul, onde a maioria dos seus habitantes é descendente de imigrantes italianos. Para reconhecer como se desenvolve o cuidado em saúde, no cotidiano destas famílias, foi utilizada a Observação-Participação- Reflexão (O-P-R),

técnica proposta por Leininger (1991), que é derivada da observação participante. No transcorrer de todo o período de coleta de dados, a convivência com as pessoas, da transição das observações e entrevistas, e principalmente da análise dos dados da pesquisa, um dos temas que despontou foi a coexistência do antigo e do novo, em todos os itens abordados, desde a moradia até os cuidados em situação de doenças desenvolvidos pelas famílias.

A seguir é descrito o cenário e a história onde a pesquisa se desenrolou, as formas de vida dos sujeitos envolvidos, incluindo aí relações familiares, a rede social e de trabalho, envolvendo todo um universo de cuidados em saúde. Finalmente, apresentamos algumas reflexões para a adequação do trabalho dos profissionais que atuam nesta comunidade, bem como para a formação do enfermeiro.

O CENÁRIO E SUA HISTÓRIA

Silveira Martins – RS, município onde se desenvolve este trabalho, inicia sua história no século passado, com a chegada dos imigrantes italianos. A chamada Quarta Colônia de Imigração Italiana fica inserida na Encosta do Planalto, no centro do Estado do Rio Grande do Sul, na Serra de São Martinho. Foi o ano de 1877 que chegaram os primeiros italianos ao local, atendendo à política de ocupação do Estado. As terras oferecidas aos imigrantes era o que restara dos latifúndios pecuaristas. Eram montanhosas e pedregosas e, por isto, foram desprezadas pelos pecuaristas gaúchos Marin (1991); De Boni, (1979). Os italianos vinham com o sonho da América. Aqui criaram a "Città Nuova". Procuraram as terras da Península e, aqui, encontrariam o pequeno pedaço de terra que tanto almejavam. Ao interpretar o sonho do imigrante na possibilidade de tornar-se proprietário de seu espaço, Santin (1986) diz que "... todos e cada um queriam ser proprietários. Ser proprietário era a grande ambição...Ele seria o dono se suas terras, de sua produção, de seus negócios..." (p. 31).

Inicialmente, Silveira Martins foi a sede da Quarta Colônia. Garibaldi, Bento Gonçalves e Caxias do Sul constituíram as três primeiras. A vila foi fundada em 19 de maio de 1877. Em 1886, a colônia foi desmembrada por decreto imperial, sendo repartida entre os municípios de Julio de Castilhos, na época Vila Rica, Cachoeira do Sul e Santa Maria, que ficou como sede. Silveira Martins passou a ser o 4º Distrito de Santa Maria, conseguindo sua emancipação político-administrativa, após duas tentativas frustradas, em 11 de dezembro de 1987.

Distando cerca de 300 Km de Porto Alegre e 30 de Santa Maria, Silveira Martins localiza-se na Depressão Central do Rio Grande do Sul, na Mesorregião Centro Ocidental. É constituído de quatro localidades e oito Linhas. A população que residia no município era de 2378 habitantes em 1991, sendo que, destes, 736 (31%) viviam no meio urbano e 1642 (69%) no meio rural, tendo uma densidade demográfica de 19,5 habitantes por km² (IBGE, 1993). Este dados demonstram a característica predominantemente rural deste município, o que

é comum nesta região, o que difere da proporção urbano/rural do país, que se inverteram nas últimas décadas.

O acesso a este município se faz por uma estrada estadual, que contorna os morros. É uma subida íngreme onde a vegetação característica das regiões de encosta de serra toma conta. No meio do percurso, em Val de Buia, na encosta de um morro, apresenta-se o Monumento ao Imigrante, no local onde houve o acampamento inicial dos recém-chegados italianos. Ao lado do antigo acampamento, localiza-se o cemitério, onde consta que foram enterrados os imigrantes mortos por uma epidemia que devastou grande parte da população recém-chegada da Itália. Esse constitui-se num marco na história da colonização. Neste local, acontecem, ocasionalmente, as missas campais, onde são homenageados os imigrantes e seus descendentes.

Continuando a subida íngreme, avistam-se as primeiras casas da sede do município e chega-se à avenida de entrada, de calçamento irregular, com canteiro florido central. Já na Segunda-quadra da avenida, passa-se pelo Hospital Madre Imilda, um casarão antigo de alvenaria, construído há algumas décadas. Esta avenida é perpendicular a outra, onde fica o Clube Silveirense. Seguindo nesta avenida, chega-se à esquina onde se pode ver, de lado a lado, a igreja, o Colégio Bom Pastor e a praça. Santin, meditando sobre o patrimônio histórico-cultural de Silveira Martins, fala que a praça, com seu monumento a Giuseppe Garibaldi, colocado de frente à Igreja, pode ser de capital importância para reescrever a sua história. A Igreja Matriz de Santo Antônio de Pádua ostenta, em sua fachada, linhas vênetas e a possante torre cilíndrica, inspirada no bizantino-românico dos séculos X a XII, muito usado no norte da Itália. A fachada é de 1906, modificada da primitiva de 1885 (Santin & Isaia, 1990). Ao redor da Praça ficam alguns estabelecimentos comerciais e residências. Nos últimos anos, pode-se observar, na cidade, a construção de novas moradias de estilo moderno, bem como a sede de bancos e outras repartições públicas ou privadas que foram criadas com a emancipação do município e que, somente agora, ganham prédios próprios e novos. É um crescimento esperado pelo evento da emancipação.

Para chegar em Linha Colônia, utiliza-se uma estrada municipal de chão e empoeirada, onde já se inicia a obra de calçamento. Quando se entra na vila, vislumbram-se as primeiras propriedades onde, em alguns casos, encontra-se mais de uma casa. Nota-se, desde a chegada, a presença das hortas com variedades de produtos de época. Em algumas casas até se podem ver as "estufas de plasticultura", onde produtos fora da estação são também cultivados. Na época de colheita, não raro, veem-se, ao lado das casas, depósitos de sacos de batatinha à espera de melhores preços ou do intermediário. Toda casa tem à frente e aos lados, amplos jardins com gramados e árvores ornamentais, muitas vezes dividindo espaço com canteiros de plantas medicinais e hortaliças. Aos fundos, existem os pomares com variedades de árvores frutíferas, destacando-se as videiras e cítricos em geral.

A vida e o viver

Partindo do princípio de que o cuidado em saúde se refere àqueles realacionados com as condições de vidas, de trabalho e das múltiplas dimensões do cotidiano, é fundamental observar a vida das pessoas nesses momentos. A partir de uma interação e envolvimento com as pessoas, há possibilidade da constatação da forma de viver, da história e da visão de mundo, permitindo uma percepção mais adequada da realidade. Com aquilo que foi observado junto às famílias, podem-se destacar alguns itens importantes de seu viver, que passamos a descrever.

Moradia

Já no caminho podem-se ver as propriedades rurais com suas casas antigas, algumas semidestruídas, outras mais novas e a antiga moradia, que data da chegada dos colonos. Nos fundos ou ao lado da casa, servindo muitas vezes de depósito e galpão, há a construção antiga, talvez do início do século, que era a casa dos bisavós dos atuais moradores. Estas eram casas com porões e sótãos que serviam para guardar alimentos perecíveis, como salames, queijos e vinhos, fabricados por eles mesmos. Em alguns casos, uma parte da casa antiga continua sendo aproveitada como uma cozinha alternativa, com fogão de lenha ou de "chapa", churrasqueira e forno de alvenaria para assar pão. O porão ou a parte superior da casa antiga pode servir também de depósito de mantimentos, de produtos de safra, de garrafas vazias, de alguns móveis e de utensílios utilizados antigamente no trabalho doméstico e na lavoura, que hoje foram substituídos por outros mais modernos.

Mas a coexistência do antigo e do novo não se prende somente às construções e aos utensílios das casas. Os costumes, os hábitos das pessoas podem ser observados das mais diferentes formas. Observa-se uma tendência de absorver a novidade e ao mesmo tempo não deixar de lado aquilo que é bom do antigo.

Produção Agrícola

Os moradores da Linha Colônia, na sua grande maioria descendentes dos imigrantes italianos que se instalaram na Quarta Colônia, dependem diretamente daquilo que produzem na terra. São colonos e produzem grande parte do que consomem. Em geral são proprietários de suas terras, que receberam como herança, muitas vezes comprando parte delas de outros herdeiros, para não fragmentá-las mais. São lotes, na sua maioria, de tamanho entre 20 e 40 hectares. Para o colono, a propriedade da terra significava local de trabalho, possibilidade de sobrevivência e de segurança. Certamente, o herdado dos imigrantes não foi somente o pedaço de terra que cultivam, mas o amor a ela devotado, como a possibilidade de uma vida em que não o necessário e permita um maior crescimento.

A cultura principal de comercialização, atualmente, é a batata-inglesa (*Solanum tuberosum*), cujo cultivo começou

a ser generalizado entre os produtores desde os anos 50, “quando assumiu a condição de principal fonte de renda daquela ex-colônia...” (Ornellas, 1990). Mesmo desenvolvendo outras culturas, são as duas safras da batatinha, verão e inverno, que merecem a maior atenção dos colonos. A subsistência é garantida especialmente pelo plantio do arroz, feijão, mandioca, abóbora, cana-de-açúcar, milho, aveia, azevém, cebola, hortifrutigranjeiros e pela criação de animais. A criação do gado leiteiro garante, além do leite, a elaboração do queijo que é basicamente produzido para o autoconsumo. A suinocultura e avicultura permitem a complementação dos produtos de consumo interno em algumas propriedades já está sendo introduzida a criação de peixes em açudes, através de projetos integrados com orientação técnica na área.

Além da agricultura, o colono produz a indústria alimentar caseira e artesanatos; desta forma, são poucas as coisas que precisam comprar fora. Dentro da indústria caseira são encontrados o açúcar mascavo (açúcar de cana), as conservas, os doces de frutas, os derivados da carne de porco, como salame, copa e morcilha, pães, bolachas e cucas, massas (talharim ou recheadas, como o alnholine, tortéi, ravióli), o mel, o vinho, o vinagre e uma outra gama de produtos elaborados na cozinha colonial. O artesanato se constitui de variados produtos de crochê, tricô, costura de roupas, flores, produtos de vime, como chapéus, cestas de mantimentos, de frutas, floreiras, vassouras e muitos outros. Sobre essa diversificação de atividades, muitas vezes, produzidas pelas mesmas pessoas, as colonas falam: “Nós aqui da colônia precisamos aproveitar tudo, reformar as roupas, porque não há muito dinheiro para comprar novas e tudo tem que ser aproveitado...Precisamos fazer tudo em casa para sair mais em conta, senão o dinheiro não dá. A gente se vira, faz de tudo um pouco...” Portanto à produção agrícola segue-se a indústria caseira que lhe é complementar e permite uma subsistência com melhor qualidade e mais economia.

Família

O colono e sua família têm sido a força de trabalho que mantém a pequena propriedade rural de Linha Colônia. A família representa para ele o princípio e o fim de toda a atividade que desenvolve. Sobre isso, Santin (1990) escreve que a família é a instituição básica na mentalidade do imigrante italiano, havendo nele um verdadeiro culto à esta instituição, representando “o cerne de todos os valores, o ponto de partida de qualquer iniciativa e o centro da vida de cada pessoa. Razão primeira de todo trabalho e de qualquer privação...” (p.15).

A família do colono era geralmente muito grande, pois, além de ter como princípio não utilizar meios anticoncepcionais, a família numerosa representava força de trabalho para a manutenção da propriedade. Por outro lado, com o crescimento do número de descendentes, houve divisão da pouca terra existente para as famílias, ou a alternativa do êxodo rural (Santin, 1990). Apesar da importância dada para a manutenção da integração familiar, muitas famílias separaram-

se, a fim de garantir a sua sobrevivência. Para Ornellas (1990), a fragmentação fundiária, somada à ausência de reprodução ampliada após a internalização e total envolvimento no processo de modernização da agricultura, não favoreceu uma perspectiva de melhoria da qualidade de vida, em permanecendo a maioria dos membros da família numa mesma colônia. Mas, sim, “favoreceu a aceleração do êxodo rural na forma como atuou na transformação da organização social da produção, concorrendo para a desagregação da família do pequeno produtor rural” (p. 196 e 197).

Percebe-se, também, que todo agricultor que tem possibilidade de se manter em sua colônia, ali permanece, favorecendo a convivência da família extensiva. Atualmente, algumas famílias ainda adotam o costume de manter os filhos casados morando na mesma casa, onde três gerações passam a conviver, dividindo a casa, o trabalho, as preocupações e as alegrias. Entre os fatores que determinam esta alternativa está a manutenção da mão de obra jovem, representada pelo filho ou genro, no trabalho da propriedade, bem como a necessidade de cuidado dos pais velhos, muitas vezes doentes. O fato de o filho ou a filha saírem de casa, irem morar com os sogros, justifica-se pela necessidade do cuidado não só da pessoa dependente, como da propriedade que necessita de quem a mantenha e a faça produzir.

Divisão do Trabalho

A divisão do trabalho familiar permite a cada componente ter a sua participação definida. Ao homem cabe a direção do processo de trabalho na lavoura, sua execução, a compra e venda de material ligado ao trabalho, o contato com o banco. À mulher, além das atividades de cuidado com os filhos, da manutenção da casa, elaboração de produtos artesanais, confecção de roupas, cabem ainda as tarefas de cuidado com os animais domésticos, sua alimentação e a ordenha das vacas, bem como o cultivo da horta caseira e do jardim. Este último considerado lazer, mesmo que o tipo de atividade seja semelhante ao trabalho cotidiano. Muitas vezes, além de todas essas atividades, ela divide com o homem o trabalho na lavoura, principalmente nos períodos de plantio e colheita da batatinha. Nessas ocasiões outra mulher da família assume parte do trabalho doméstico: a mãe ou a sogra. De qualquer maneira, a dupla jornada da mulher fica sempre caracterizada.

A divisão do trabalho também se dá nos dias de chuva, quando não é possível fazer qualquer atividade ao ar livre. Nesses dias, os homens trabalham geralmente no galpão, na debulha do milho, na separação da batatinha, na produção do açúcar mascavo e em outros serviços próximos à casa. As mulheres, depois de realizarem as atividades domésticas rotineiras, elaboram produtos artesanais.

A divisão do trabalho, assim constituída, é aceita e acatada pelas mulheres, embora cometam e confirmem a dupla jornada e a não divisão do trabalho doméstico. Mas continuam educando os filhos nos trabalhos diferenciados, ficando muito

claras as “coisas do homem e coisas de mulher”. “A mulher tem jeito apropriado para isso. Ela é mais inteligente para essas coisas de casa, de cuidar quando tá doente, de fazer cházinho. O homem nem se lembra...”, diz uma das mulheres.

As pessoas mais velhas, tanto homens como mulheres, têm suas atividades na lavoura diminuídas, passando os mais jovens a desenvolver o trabalho mais pesado. Porém, apesar da idade avançada, as pessoas continuam fazendo algum tipo de trabalho, pois para eles trabalhar significa ter saúde e a possibilidade de não ficar doente. Neste sentido, o trabalho parece ser uma situação limite, tanto de saúde como de doença. Assim, trabalha-se para ter saúde, mas também fica-se doente no trabalho. A respeito disso, uma das mulheres falando sobre o marido, que já está com mais de sessenta anos, diz: “O Albino também vai na lavoura. Ele não quer ficar em casa, mais vai mais tarde, mas é melhor que ele vá, porque não é bom ficar em casa. Porque tem um homem aqui fora que se aposentou e começou a dizer que não ia mais trabalhar. Mas também num ano ele morreu. Parou, né, o corpo... de movimentar o corpo... Tem muita gente, acostumado na lavoura, sempre trabalhando. É só diminuir um pouco né? Ir mais tarde, de manhã ele toma um mate, depois ele vai. Ele vai quando ele quer e vem quando quer também. Quando ele quer sentar, ele senta.”

Em seus gestos e fala fica implícita a diferença entre as tarefas de homens e mulheres, de crianças, adultos e idosos, tanto no trabalho, como no lazer e nas relações familiares.

Alimentação

A alimentação do colono italiano é um dos aspectos mais importantes quando se aborda seus costumes, pois é para ele, um valor da mais alta significação. Considera-se sinal de descortesia ou falta de hospitalidade não oferecer algum alimento ou bebida ao visitante. Parece que os problemas enfrentados pelos imigrantes, quando aqui chegaram, como a fome que muito abateu as famílias, que se organizavam na nova terra, deixaram marcas refletidas na necessidade de manter a despensa sempre abarrotadas de alimentos. Não muito raro, se vê algum colono afirmar: “A gente trabalha tanto pra comer. Se temos comida já é uma grande coisa...”.

Além disso, a cozinha tem um destaque especial na casa, pois é o local dos encontros familiares, não só das refeições, mas nos momentos que as antecedem e sucedem, nos momentos de descanso e conversa. É também na cozinha que são recebidas as pessoas de maior intimidade da família, como amigos, vizinhos, parentes próximos. Embora a maior parte das famílias já tenha o seu fogão a gás, este só é utilizado num momento de pressa, para fazer um chá ou aquecer algo muito rápido. Ainda hoje, a base da cozinha é o fogão a lenha, que permanece aceso na maior parte do dia, especialmente no inverno. O calor do fogão atraí as pessoas para o aconchego. Próximo ao fogão, há sempre bancos ou a própria caixa de lenha, que também serve de assento nos dias frios.

Em geral as famílias adotam costumes semelhantes em relação à alimentação, sendo que basicamente são servidas

quatro refeições. Em todas elas pode-se perceber a quantidade elevada de alimentos baseados em hidratos de carbono e gorduras, especialmente de origem animal, como carne e ovos. As frutas e verduras também fazem parte constante da mesa deste grupo de pessoas.

O café da manhã, muitas vezes levado para a lavoura e tomado em torno das oito horas, é constituído de pão ou polenta aquecida na chapa do fogão, salame, queijo, ovos, café com leite ou preto. Durante o trabalho, às vezes, são servidas frutas cítricas ou melancia, de acordo com a época do ano.

O almoço é servido em torno das onze e meia, com refeição composta de sopas de caldo de galinha com massas variadas, desde o talharim, tortéi, ravioli, capeleti e anholini; arroz, que pode ser risoto; feijão preto; batata que pode ser frita, refogada, cozida ou como salada, especialmente no domingo ou dia de festa; variados tipos de carne, de acordo com a disponibilidade na despensa ou no congelador, mas sempre fritas com muita gordura animal; saladas de verduras da época, radite (almeirão), rúcula, alface, tomate, repolho, cebola, chuchu, temperadas com gordura animal ou vegetal, vinagre de vinho caseiro e sal; mandioca (aipim) cozida ou frita, batata doce, polenta grelhada; pão ou cuca; salame e queijo. Há uma variedade muito grande de alimentos característicos do local que são alternados de acordo com a disponibilidade do tempo e da época do ano.

O café da tarde, em torno de quatro horas é servido na casa ou no local de trabalho, constituído de polenta ou pão, queijo, salame, mel ou doces caseiros, ou chimias, de diferentes frutas que são conservadas também de ano para ano. O café com leite, às vezes, é substituído por chá de erva mate, puro ou com leite.

O jantar é a refeição mais reforçada após a jornada de trabalho do dia. Geralmente é feita uma polenta nova, que no dia seguinte será servida grelhada nas outras refeições. Esta polenta é consumida com carnes e molho, salame frito, queijo, saladas, juntamente com outros alimentos que sobraram do almoço.

No domingo, há uma preocupação de elaborar melhor as comidas, muitas vezes, preparadas de véspera. Acompanhando os alimentos, muitas famílias tem o hábito de tomar vinho, produzido na cantina familiar. Embora nesta localidade não haja tradição de produção de vinhos e vinagre para comercialização, a maioria das famílias cultiva a uva para elaboração do vinho de consumo doméstico, com a comercialização do excedente. Sucos de frutas são também utilizados, alguns conservados de um ano para o outro, como é o caso do suco de laranjas e a gasosa caseira, feita de limão. Um hábito comum nesta colonização é o uso de uma colher ou cálice de vinho como tempero de alguns alimentos, como sopas e chá mate. Segundo eles, o alimento fica com um gostinho de uva, com um sabor especial.

Atualmente eles utilizam muito o congelamento para armazenar os alimentos perecíveis. O pão, asucas, os doces, as massas, além da carne, são preparadas em determinadas épocas da semana ou do ano e congelados. Com o passar do

tempo são descongelados e consumidos. Outra forma de manter os alimentos perecíveis é mediante conservas e compotas. Sobre os armários, na cozinha, podem ser vistos vários vidros de conserva de pepinos, cenoura, cebola e outros, bem como compotas de frutas, como figo, pêssego e pera, que representam a “mostra” da produção caseira e é motivo de orgulho para as mulheres.

Na cozinha italiana se observa também a integração de costumes trazidos pelos imigrantes e com os aprendidos no transcorrer de suas vidas, por meio de novas tecnologias ou pela necessidade de buscar outras alternativas para seus problemas de saúde. Neste sentido, pode-se observar, em algumas casas, a preocupação de substituir parte da gordura animal, fartamente utilizada pelo costume tradicional, pelo óleo vegetal, especialmente de soja ou de arroz. Isto deve-se especialmente ao fato de alguns dos familiares já terem recomendação médica em função dos índices elevados de colesterol e hipertensão arterial, geralmente associados. Em muitas ocasiões as pessoas referem programas de rádio, televisão ou palestras nos quais são mencionados os cuidados relacionados a alimentação e saúde, como: “...É, tem que se cuidar na comida, ontem de noite ainda, quando na televisão se falou no colesterol, disseram que... o principal é que tem que se cuidar na comida...”. Mas o fato de acesso ao novo conhecimento não significa, necessariamente, a mudança de atitude.

Religiosidade

Para o descendente dos imigrantes italianos, continua viva ainda a devoção à Igreja Católica. É em torno dela que a família se reúne, exercendo influência muito grande nas atividades comunitárias. Analisando a vinculação entre a liturgia católica e a situação do imigrante, Santin & Isaia (1990) dizem que há uma identificação muito profunda entre a ação ritual e o trabalho do agricultor, “onde a prática religiosa, nada mais era do que a confirmação de seu trabalho, de suas aspirações e de sua vida, dependentes do cultivo da terra” (p.18). Para De Boni & Costa (1982), “...a capela não significou apenas o local do culto (...) ela tornou-se o centro social da linha e acabou mesmo por substituir a linha como ponto de referência” (p.112). Na capela de Linha Colônia, há toda uma atividade comunitária ao seu redor. É em seu salão paroquial que acontecem as reuniões festivas e de trabalho do lugar. É ali que os acontecimentos sociais se desenvolvem. A associação dos moradores, o time de futebol e o de bocha têm no salão paroquial a sua sede. Para Santin (1986), a religiosidade abrange muito mais do que o sentido puramente de devoção; há nele uma ligação efetiva, entre religião e economia. Segundo ele, os núcleos coloniais se foram organizando, inicialmente, com o surgimento de “duas construções mais ou menos inseparáveis: a capela e a venda. Não há uma ordem de precedência” (p.43).

Percebe-se assim que, além das atividades religiosas, nas festas, no lazer ou no trabalho, a capela é sempre o ponto

de referência para as conversações, os planejamentos e a execução de grande parte das atividades comunitárias, entre elas as relacionadas com a saúde, como cursos, ou mesmo atendimentos pelos profissionais de saúde.

Lazer

As atividades de lazer desta localidade, como tudo o que acontece em suas vidas, tem a marca da herança dos antigos colonizadores. Alguns historiadores da colonização italiana, como Santin, Isaia e De Boni, têm referido que o lazer e a utilização do tempo livre dos imigrantes foi um caminho importante para a formação dos grupos de amizade. Nas primeiras décadas, o tempo livre era ocupado por reuniões de vizinhos, das famílias e encontros nas capelas. De Boni & Costa (1982), afirmam que os jogos foram aparecendo como forma de entretenimento e pelo simples motivo de cultivar o “estar junto”. Não se jogava por dinheiro ou prêmios. Por isto os jogos de baralho, bochas, e outros “oportunistavam o crescimento dos contadores de histórias, dos piadistas, dos tomadores de vinho, grapa e cachaça. Tais jogos culminavam com canto... e um pequeno porre”.

Ainda hoje, os jogos de baralho e de bocha são muito comuns nas vilas de descendentes de italianos. Somando-se a estes, entra o jogo de futebol, cuja comunidade tem sua equipe e sua associação para participar de competições em outras localidades. Mas esses jogos acontecem em clima de festa aos domingos, nos quais as mulheres só participam como espectadoras e torcedoras. Em alguns casos, a mulher joga cartas na sociedade, mas é mais comum a sua participação em jogos em sua casa. Às mulheres, quando comparecem nessas ocasiões, resta o papel de espectadoras das atividades de lazer dos homens e a participação em grupos de conversa, constituídos por elas.

São comuns, nesta comunidade, além de jogos no salão de festas da capela, as visitas aos vizinhos e parentes, na localidade ou em localidades próximas. As festas do padroeiro, que ocorrem anualmente, no mês de junho, merecem destaque especial. Durante aquela semana, os casais festeiros, que organizam a festa, e são responsáveis por toda a dinâmica dela, trabalham no sentido de tudo prover, para que o acontecimento tenha sucesso. Nessa semana são preparados doces, pães e cucas que serão vendidos durante todo o dia. Como no cotidiano das famílias, aqui se repete a divisão do trabalho entre homens e mulheres, elas são encarregadas de doces, pães, cucas, risoto e saladas; eles, pela organização das mesas, da carne para o churrasco e das bebidas. Na hora de servir, também repete-se a cena: os homens ficam no balcão das bebidas e as servem também nas mesas. O fazer servir o churrasco também é tarefa exclusiva masculina. Pode-se ver os meninos, como auxiliares, recolhendo as garrafas vazias nas mesas. Já as mulheres, ajudadas pelas meninas maiores e adolescentes, são as que fazem e servem as saladas, risoto e doces em geral. Durante toda a tarde as pessoas permanecem no local, assistindo jogos de futebol ou participando deles, bebendo junto ao balcão, ou conversando animadamente no próprio salão e no pátio.

As mulheres, sentadas no salão, próximo à música, de som mecânico conversam entre si e cuidam das crianças, ou vão para o pátio conversar ou assistir ao jogo de futebol.

Ao abordar o assunto que denomina de “festas da ordem”, que são “as solenidades sociais em que se celebram as relações sociais tal como elas operam no mundo diário”, Damatta (1993) analisa esta manutenção do estado das coisas tal qual acontece na vida diária das pessoas. Em sua análise, sustenta que, no caso brasileiro, as solenidades permitem ligar a casa, a rua e o mundo. Ao se referir ao caso específico das festas religiosas, cujos ritos são “festas da ordem por excelência”, há celebrações da própria ordem, com suas diferenças e gradações, seus poderes e hierarquias. Aqui, o que se pretende é celebrar o mundo tal como acontece no cotidiano. No caso das festas de Linha Colônia, como acontece nas festas de igreja, em geral, há o reforço em diferentes itens da vida familiar e comunitária.

As atividades de lazer, a missa dominical, os encontros festivos, ou mesmo os velórios, são pontos de encontro que propiciam a troca de experiências e informações entre os agricultores. Observam-se os grupos de homens aproveitando para conversar sobre as atividades agrícolas, os problemas enfrentados, o tempo bom ou ruim, o sucesso ou insucesso das colheitas, o preço dos produtos. As mulheres falam sobre as suas atividades, seus problemas com os filhos e situações de doença. Nesses encontros, tem-se o principal momento de troca de informações dos mais diferentes assuntos. Aqui o momento é também o de reproduzir as experiências e trazer as novidades que podem ser absorvidas na vida diária.

O CUIDADO COM A SAÚDE NO COTIDIANO

As práticas em relação à saúde e doença, entre os imigrantes italianos, estiveram sempre ligadas à sua maneira de viver. Especialmente nos primórdios da colonização, pela ausência de médico e, depois, pela falta de recursos para o custeio do tratamento, acentuaram-se grandemente as práticas populares dos cuidados da saúde. Na observação do viver, nesta comunidade, constata-se que o cuidado surge no dia-a-dia das famílias, no conjunto de atividades cotidianas, podendo ser observado no trabalho, no descanso, no lazer, no passeio, na escola. Assim, o cuidado envolve preocupações com a alimentação, o dormir, e repousar; o vestir-se adequadamente, protegendo-se do frio, da chuva e do calor, as atividades físicas; o trabalho; as condições da habitação; o meio ambiente; a religiosidade; a comunicação e muitos outros. O cuidado é com a pessoa como um todo em seu viver, permeando uma visão de integralidade e totalidade. Não está vinculado somente a situações de doença, nem ao doente, pois as pessoas não veem separados os diferentes momentos do cuidar. Em tudo o que é realizado, estão implícitos cuidados com a saúde ou, em sua ausência, que em grande parte das vezes não são percebidos como tal. São atitudes, formas de se alimentar, de trabalhar, de descansar, de procurar ajuda ou ajudar nos momentos de crise, e tantas outras atividades do viver diário, que caracterizam a

sua visão de mundo, aprendida e compartilhada com os familiares através das gerações (Denardin-Budó, 1994).

Além do cuidado no cotidiano, salienta-se nesse contexto, o trabalho desenvolvido pelas “parteiras da colônia” e as benzedoras. Abordando as formas de viver dos colonos de Silveira Martins, no período que antecedeu a modernização da agricultura no Brasil, Marin (1990) tece algumas considerações sobre as inovações tecnológicas endógenas, entre elas as relacionadas com a saúde, e suas relações com a cultura popular, da qual destaca que era corriqueira a prática de rezas e benzeduras para resolver os mais diversos problemas de saúde das pessoas, como epidemias, cobreiros, picadas de cobra, insônia das crianças, etc. Utilizavam também para afastar as moléstias dos animais domésticos e ataques de insetos nas lavouras principalmente de gafanhotos e lagartas. Também eram comuns as procissões e romarias para obter ou agradecer saúde e colheitas fartas. Atualmente, as pessoas ainda procuram auxílio com as benzedoras e “arrumadores de ossos”. Estes são tidos como pessoas especiais, que detêm um saber que não é compartilhado pela maioria das pessoas. Somente alguns são ensinados, dentro da própria família, que repassa posteriormente a outro, através da tradição familiar. Algumas famílias são conhecidas por terem sempre um de seus membros como benzedora ou arrumador de ossos. Kleinman (1980) já se referia a este setor de saúde especializado, mas não profissional, nem burocrático, como o tradicional ou “folk”. Ele está presente na maioria das culturas e representa uma associação entre os conhecimentos populares e do setor oficial de saúde. As práticas como a realização de romarias e terços ainda são frequentes nos períodos de dificuldades da comunidade.

Para os moradores do local em estudo, a situação do seu sistema de saúde oficial é muito precária. Para eles, a assistência à saúde é quase toda paga, pois a prefeitura só atende a demanda de pessoas consideradas carentes. Tanto as consultas como exames complementares e medicamentos são pagos, dificultando muito o tratamento nas situações de doença. Para conseguir atendimento gratuito buscam alguns ambulatórios de saúde de prefeituras próximas ao município, ou ambulatório do Hospital Universitário de Santa Maria, onde a demanda é muito grande e a demora para conseguir a consulta ou procedimentos faz com que desistam ou busquem serviços particulares.

O ANTIGO E O NOVO: uma realidade, um desafio

O tema que emerge do presente estudo, a coexistência do antigo e do novo, é fundamentado nas crenças, valores, visão de mundo, tendo como base a história, a linguagem a etnia marcante dos descendentes de imigrantes italianos. Embora impregnada da história de vida dessas pessoas, a forma do viver não é fechada para o ambiente: ela se vai modificando à medida que novos conteúdos são absorvidos em diferentes formas de se comunicar. O viver e o cuidado em saúde se encontram profundamente interrelacionados, ele é total,

integrado na vida e cotidiano dos indivíduos.

Essa forma de integrar experiências atuais e antigas caracteriza uma forma de viver que demonstra flexibilidade e maleabilidade por permitir a filtragem daquilo que lhes interessa dos cuidados em saúde do sistema profissional. Portanto não se constitui num sistema fechado em sua cultura, mas permite que ingresse em seu cotidiano somente aquilo que lhes interessa e que não venha contra os elementos marcantes de seus hábitos e costumes. Especialmente com referência ao cuidado, percebe-se que este sistema não é antagônico ao sistema oficial; estruturou-se de tal forma que permite a penetração de idéias e atos de cuidar do outro sistema. Em todos os casos, a referência primeira é a família, na qual todas as decisões sobre como cuidar são tomadas. Neste sentido, há uma tendência do cuidado primeiro a ser desenvolvido no sistema popular, onde são utilizadas as práticas aprendidas através das gerações. Após a avaliação da possibilidade ou não da melhora é que são buscados os auxílios externos. Em muitos casos, o próximo passo é a procura do setor tradicional do cuidado, representado pelo arrumador de ossos e pela benzedeira. Em outras situações, o sistema profissional é procurado, mas sempre tendo como referência a decisão familiar. Porém não são todas as idéias e atos de cuidar que são absorvidos por eles, há uma seleção daquilo que lhes serve e não esbarra na essência dos seus valores ou vai contra o seu sistema cultural.

Com a constatação da existência do modelo cultural de suporte à saúde, adotado na comunidade em estudo, a prática a ser adotada pelos profissionais que atuam nesta localidade deve permitir maior aproximação entre o Sistema Oficial e o Sistema Popular de Saúde. Por se tratar de comunidade rural, é fundamental que seja considerada essa especificidade, que permeia as práticas numa perspectiva cultural do cuidado. A complexidade dos problemas enfrentados nas comunidades parece ser mais bem enfrentada, quando os profissionais das diferentes áreas, que atuam no meio, se reúnem e buscam, juntos com a população, soluções mais abrangentes e integradoras. Faz-se necessário o envolvimento maior de entidades existentes, como a igreja, as Secretárias do município, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, a Emater, profissionais das diferentes áreas, a fim de mobilizar a comunidade para uma busca conjunta de soluções para os problemas enfrentados (Denardin-Budó, 1994).

Outro aspecto importante a ser considerado é a formação de recursos humanos para a área da saúde, especialmente o enfermeiro. Isto se torna mais preocupante; na realidade, estamos convivendo com paradigmas em movimento, que exigem a adequação dos órgãos formadores às novas exigências de atenção integrada e integral das pessoas. Por outro lado, é necessário, além de buscar nova forma de ver e pensar a realidade, buscar também novas formas de agir nessa realidade. É, muitas vezes, na academia, local da formação de profissionais, o momento de se partir para uma nova visão integradora e universal dos diferentes campos da ciência. E o sentido da universidade está na formação do

profissional de que as populações necessitam para viverem melhor, dentro de seus contextos de vida. Portanto formar profissionais para trabalhar com as pessoas significa muito mais do que passar os conhecimentos acumulados pela ciência através do tempo, numa visão técnico-científica. Implica, também buscar entender o significado, os valores e crenças que norteiam a vida das pessoas e que servem de matriz para sua formação, impregnando suas ações de significados culturais. Qualquer profissional que queira desenvolver trabalho coerente com as necessidades das pessoas precisa conhecer a realidade cultural com a qual vai envolver-se.

REFERÊNCIAS

1. DAMATTA, Roberto. O que faz o Brasil, Brasil? Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
2. DE BONI, Luis A; COSTA, Rovílio. Os italianos do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Vozes, 1982.
3. DENARDIN-BUDÓ, Maria de Lourdes. Cuidando e sendo cuidado: um modelo cultural de suporte à saúde em comunidade rural de descendentes de imigrantes italianos. Santa Maria, 1994. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Pós-Graduação em Extensão Rural, Universidade Federal de Santa Maria, 1994.
4. IBGE, Censo demográfico de 1991, nº24 – Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, 1993.
5. KLEINMAN, Arthur. Patients and Healers in the context of culture. London: University of California Press, 1980.
6. LEININGER, Madeleine. Culture care diversity and universality: a theory of nursing. New York: National League for Nursing Press, 1991.
7. MARIN, Joel Orlando. Conformismo e resistência dos camponeses à extensão rural. Santa Maria, 1991. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Pós-Graduação em Extensão Rural, Universidade Federal de Santa Maria, 1991.
8. MONTICELLI, Marisa. A Antropologia e a liminaridade do nascimento: importância para a enfermagem. Florianópolis, 1992. 18.p. texto mimeografado.
9. ORNELLAS, Adão Luiz Gomes. Modernização da agricultura em pequenas propriedades familiares: do sobretrabalho à subordinação. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Curso de Pós-Graduação em Extensão Rural, Universidade Federal de Santa Maria, 1990.
10. PATRÍCIO, Zuleica Maria. O processo de trabalho da enfermagem frente às novas concepções de saúde: repensando o cuidado/propondo o cuidado (holístico). Texto & Contexto-Enfermagem, Florianópolis, v.2, n.1, p.67-81, 1993.
11. SANTIN, Silvino. A imigração esquecida. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana & Ed. da Universidade de Caxias-EDUCS, 1986.
12. SANTIN, Silvino, ISAIA, Antônio. Silveira Martins- Patrimônio Histórico-Cultural. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana, 1990.
13. VAITSMAN, Jeni. Saúde, cultura e necessidades. In: FLURY, Sonia (org.) Saúde: Coletiva? Questionando a Onipotência do Social, Rio de Janeiro: Relumê-Dumará, 1992.